Acervo ISA

LUX JORNAL
O ESTADO DO PARANÁ
CURITIBA - PR
PUBLICADO EM: 13 SET 1996

190 1092 438 255 4

Disque-Pajé

Índio Sapain tem um sonho parecido com o da maioria dos brasileiros. Amealhar o mínimo para sustentar sua família, dar condições de estudo a seus filhos, como fazem os brancos e, no Parque do Xingu, onde viveu e aprendeu os segredos da vida, ele quer passar os dias finais de sua existência, com os filhos, todos formados, por perto.

"Pele-vermelha cobra 80 reais por consulta e garante que ninguém até agora reclamou de nada"

Instalado em Brasília, numa pensão com os quatro filhos e a mulher para ganhar a vida difícil, índio Sapain apelou ao curandeirismo. Ele garante, ou garante que tenta, a cura de qualquer mal. Da dor de cotovelo àquelas lombares. Vícios, mau-olhado, nervosismo, fraqueza sexual... não tem problema que resista às magias de Sapain. São avalistas de seu trabalho o cientista Augusto Ruschi, envenenado por um sapo no final dos anos 80, a viúva Tereza Collor e a francesa e famosa Catherine Deneuve. Seu serviço que, a partir de um anúncio em jornal, ganhou publicidade nacional sem custar-lhe um tostão, é chamado de Disque-Pajé.

Pele-vermelha cobra 80 reais por consulta e garante que ninguém até agora reclamou de nada. Nem do preço, nem do resultado de suas sessões que, provavelmente advertido por brancos, ele não ousa chamar de medicina. A quem alegue que Ruschi se foi, apesar de todo o esforço do pajé ante as câmaras de televisão do mundo inteiro, ele apenas responde: o cientista não morreu do veneno de sapo e, sim, em decorrência de problemas do coração.

No mundo dos brancos, aos médicos de verdade, com diploma fornecido em dia festivo, o Estado paga bem menos do que cobra o pajé por uma consulta: mísera coisa de dois ou três reais. Dez no máximo. Então médico branco, em suas consultas particulares, usa cacique como parâmetro: se ele, sem estudo e sem diploma, cobra 80, é justo que cobre 150. Ou mais. Assim, sobre a saúde de seus semelhantes, médico branco também garante a realização de seu sonho de levar a vida tranqüila, educar os filhos e, quem sabe, se sobrar algum no bolso, visitar um dia o mesmo Parque Xingu...

O ministro brasileiro para a saúde dos brancos, cafuzos, negros e índios, chama-se Adib Jatene. Desde que assumiu, como fez Sapain, instalou em Brasília seu disque-pajé, chamado Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira. Devidamente aprovado e regulamentado, o novo imposto levará 0,20% do que cobra o cacique pelas sessões de curandeirismo e também do que paga pelos anúncios em jornais, conta telefônica, pensão onde mora e comida dos filhos. Uma diferença apenas em tudo isso: enquanto o cacique trabalha e inteligentemente ganha a vida prometendo saúde (se cura de fato, nem ao ministro nem ao Conselho de Medicina, não importa), o ministro quer primeiro o dinheiro em caixa para depois trabalhar na promessa da cura certa.

Agora o ministro anuncia nos jornais que vai recuperar o tempo perdido, isto é, quer demonstrar aos brasileiros tudo quanto até aqui ele fez pela saúde do povo. Será um pouco difícil desfazer o discurso, até aqui repetido, de que pouco ou nada tinha a fazer enquanto não viesse o dinheiro. No mínimo gastará, assim, já por antecipação do orçamento vindouro, parte dos recursos a serem arrecadados do pajé e de todos nós, compulsória e provisoriamente.

Quem precisa fazer publicidade de seu serviço, por sinal ilegal, é o índio. O pajé dos brancos pode muito bem dispensar o disque-ministro.